

The Perspective Of Literacy In Literacy

Jefferson Florencio Rozendo¹ Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra²
Diego de Vargas Matos³ Antônio Vanúbio da Silva⁴
Tereza Maria de Oliveira Ferreira⁵ Orleane Forte Ferreira⁶
Francisca Tatiana Gadelha dos Santos⁷ Luiza Maria Aragão Pontes⁸

Resumo:

O Objetivo Principal Desta Pesquisa Consiste Em Compreender A Perspectiva Do Letramento Na Alfabetização. Assim, Buscando Entender Os Desafios Das Escolas, Precisamente Do Educador, No Processo De Ensino E Aprendizagem Diante Da Perspectiva Do Letramento Na Alfabetização, Foram Investigadas As Dificuldades De Leitura E Escrita Vivenciadas Pelos Alunos. O Ponto De Partida Deste Estudo Foi Contextualizar O Marco Da Alfabetização Pertinente Ao Contexto Do Processo De Leitura E Escrita. Justifica- Se Esta Pesquisa Por Não Se Tratar De Algo Tão Fácil De Resolver Como O Índice De Analfabetismo, Devido A Uma Seleção De Problemas Que A Estrutura Educacional Enfrenta, Dentre Essas A Evasão Escolar E O Conhecimento Do Comportamento Do Aluno Em Seu Lar E Na Escola. Fundamenta- Se, Principalmente Para A Análise Dos Dados, Nos Pressupostos Teóricos De Cagliari (1998), Soares (1998; 2004) E Vygotski (1896-1934), Dentre Outros, Para Atender Ao Objetivo Geral. Realizou- Se, Para Tanto, Uma Pesquisa De Abordagem Qualitativa Sob A Forma De Revisão Da Literatura Preexistente Sobre O Tema Em Estudo. Constatou- Se, Assim, A Necessidade De Novas Perspectivas Para O Ensino Da Leitura. Também, A Necessidade De Amenizar As Dificuldades Dos Educandos Em Interpretar, Compreender E Argumentar, Que São Processos Básicos Para Uma Participação Ativa Na Sociedade. Além Disso, Foi Verificada A Necessidade De Novas Práticas De Leitura Escrita Para Despertar O Prazer Da Leitura E Ampliar A Capacidade Dos Estudantes No Discurso Às Diferentes Situações Comunicativas, Assim, Como Contribuir Para O Domínio Das Capacidades De Interação. Conclui- Se Que As Crianças Chegam À Escola Com Várias Formas De Conhecimentos, Assim, É Necessário Que O Educador Utilize A Leitura E A Escrita Como Mensageiros De Textos Para Que Possa A Criança Interagir Com O Mundo Letrado Desde O Início De Sua Escolarização. Entretanto, Também Foi Possível Perceber Que Os Professores Necessitam De Capacitação No Campo Do Letramento Para Auxiliar Os Alunos.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. Aprendizagem. Práticas De Leitura E Escrita.

Date of Submission: 02-07-2023

Date of Acceptance: 12-07-2023

¹ Doutorando em Educação ACU - Absolute Christian University EUA / Flórida, Mestre em Educação – Universidade Aberta do Brasil (UAB), Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica IFCE - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará.

² Doutorando em Ciências da Educação, Universidad del Sol (UNADES), Mestre em Filosofia. Universidade Federal da Paraíba, (UFPB).

³ Mestre em Educação em Ciências e Matemática. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (PUCRS).

⁴ Doutorando em Educação ACU - Absolute Christian University, EUA / Flórida.

⁵ Doutoranda em Educação ACU - Absolute Christian University, EUA / Flórida.

⁶ Doutoranda em Educação - WORLD UNIVERSITY ECUMENICAL, EUA / Flórida.

⁷ Doutoranda em Educação ACU - Absolute Christian University, EUA / Flórida.

⁸ Doutoranda em Educação ACU - Absolute Christian University EUA / Flórida.

I. INTRODUÇÃO

Esta investigação se insere na área do letramento e da alfabetização e tem como temática “A perspectiva do letramento na alfabetização”, visto que a educação é um bem precioso que começa nos primeiros anos de escolaridade promovendo uma alfabetização de qualidade.

No entanto, o processo de alfabetização inicial em parte das escolas brasileiras tem apresentado resultado insatisfatório, prejudicando a aprendizagem dos alunos que concluem os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Justifica-se essa pesquisa por não se tratar de algo tão fácil de resolver como o índice de analfabetismo, devido a uma variedade de problemas que a estrutura educacional enfrenta, dentre esses, a evasão escolar e o conhecimento do comportamento do aluno em seu lar e na escola, o que reflete no letramento e na alfabetização desses educandos.

A opção por esse tema deve-se ao fato de estar vinculada à preocupação com o alto índice de alunos com analfabetismos funcionais e que são considerados desatentos, acima de tudo com dificuldades de aprendizagem. Desse modo, este estudo propõe-se pesquisar sobre a temática com a pretensão de contribuir para que as causas associadas a essa defasagem possam ser amenizadas. Aborda ponto fundamental em pesquisas qualitativas, uma vez que justifica-se pela lacuna existente no conhecimento científico sobre a perspectiva do letramento na alfabetização.

Neste contexto, é válido ressaltar que o número de alunos com analfabetismo funcional é muito alto em todos os estados brasileiros. A maior representação de analfabetos funcionais encontra-se na Região Nordeste. Entretanto, o Sul e o Sudeste, do mesmo modo, também apresentam taxas expressivas.

Refletindo o cenário que atinge a população brasileira em larga escala, este estudo visa compreender a situação em que o Brasil se encontra em relação ao analfabetismo funcional e uma sugestão de alfabetização competente como um dos mecanismos para diminuir essa realidade em nossa sociedade.

Dessa forma, busca-se compreender os desafios das escolas e em especial do educador nos de processo de ensino e de aprendizagem, diante da perspectiva do letramento na alfabetização. Assim, o problema central desta pesquisa é: Quais as dificuldades vivenciadas por esses alunos no contexto escolar no que concerne ao letramento na alfabetização?

Especificamente, ao contextualizar o analfabetismo, buscou-se investigar as dificuldades vivenciadas pelos alunos no contexto escolar pertinentes ao alfabetismo. Esse estudo está organizado em 3 capítulos, além da introdução e das considerações finais. Dentre os quais, buscaram-se respostas para atender aos objetivos propostos. Sendo assim, está distribuída da seguinte forma:

O capítulo um expõe o marco da alfabetização relacionado à historicidade da leitura e da escrita. Enquanto o capítulo dois apresenta as dificuldades no analfabetismo vivenciadas por alunos no contexto escolares pertinentes à leitura e à escrita. O capítulo três aborda a investigação e a análise da pesquisa.

Com a participação ativa dos professores-pesquisadores, foi elaborada esta investigação de abordagem qualitativa utilizando como técnica de coleta de dados os questionários, com vistas à obtenção de informações para a construção do estudo. O capítulo dois aborda dados da investigação, tais como: o marco da alfabetização, pertinentes ao contexto histórico do processo inicial da comunicação de leitura e escrita, fundamentados em pesquisas cientificamente reconhecidas, tais como revistas especializadas sobre esse tema, Teses, Dissertação de Mestrado, legislações, dentre outras, as quais expõem as normas da alfabetização, bem como as práticas da alfabetização, uma abordagem teórica sobre leitura e escrita e seu avanço.

O capítulo três apresenta a análise com os resultados inerentes à pesquisa por meio da análise dos dados. A pesquisa traz algumas reflexões que poderão levantar outras provocações acerca do fenômeno a perspectiva do letramento na alfabetização, bem como possíveis desdobramentos provenientes deste estudo contribuindo nesse campo científico.

O presente estudo apoia-se nas ideias, concepções e teorias fundamentadas por autores conceituados, dentre os quais se destacam Cagliari (1998), Soares (1998; 2009), Ferreiro (1993) e Garcia (1998). O próximo capítulo expomos a fundamentação teórica abordando os principais autores com abordagem teórica sobre leitura e escrita, bem como o seu avanço.

II. MARCO DA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização surgiu devido às necessidades da comunicação no dia a dia da humanidade; daí, originou-se a escrita e a leitura. Devido a essa necessidade da escrita surgiu a alfabetização, ou seja, o processo inicial de transmissão da leitura e da escrita.

Cagliari (1998) confirma que:

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas,

representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários (CAGLIARI, 1998, p. 14).

Com o passar do tempo surgiram as regras da alfabetização. Em relação a essa necessidade, Cagliari (1998, p. 15) afirma que: “O longo do processo de invenção da escrita também incluiu a invenção de regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito e saber como o sistema de escrita funciona para usá-lo apropriadamente”.

Neste contexto, surge a necessidade de reconhecer e sugerir práticas sociais de leitura e de escrita avançadas nas práticas do ler e do escrever decorrente da aprendizagem da regra de escrita. De tal modo, na década de 1980 ocorre, respectivamente, a criação do letramento, no Brasil, do illettrisme, na França, e da literacia, em Portugal, para designar elementos qualificados da denominação alfabetização e alphabétisation.

Já nos Estados Unidos e na Inglaterra, apesar da palavra literacy constar no dicionário, a partir dos anos de 1980 houve um acontecimento diferente daquele que em língua inglesa foi intitulado como readinginstruction, beginning literacy, que se tornou foco de debate nas áreas da educação e da linguagem, o que se comprova em artigos e livros publicados sobre avaliação do nível de competências de leitura e de escrita da população.

De acordo com Barton (1994, p. 6), na década de 1980, “*o the new field of literacy studies has come into existence*”, isto é, passou a existir um novo campo de estudos sobre letramento. É importante ressaltar que na mesma época, no final da década de 1970, a proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), recomendou que as avaliações internacionais pertinentes às competências de leitura e de escrita fossem além do medir apenas a capacidade de saber ler e escrever.

MARCO DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

O Brasil é marcado por buscar aprimorar a alfabetização das crianças, realizando algumas alterações necessárias na sua legislação educacional, revelando, assim, uma trajetória de sucessivas mudanças conceituais e, conseqüentemente, metodológicas.

Sobre o surgimento do letramento, Lima (2014, p. 16-17) explana que:

A partir dos anos 80, em alguns países como França, Portugal e Inglaterra, nos Estados Unidos e no Brasil surgiu o termo letramento. Vários livros e artigos foram publicados a respeito do assunto. Mesmo com a preocupação desses países com relação às práticas sociais da leitura e da escrita ocorridas no mesmo período, o Brasil ainda se encontra caminhando de forma inadequada com relação a sua forma de alfabetização e boa parte de sua população ainda é considerada analfabeta.

No Brasil, em 2006, foi antecipado de 7 para 6 anos o ingresso dos alunos no Ensino Fundamental, a partir da alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que expandiu a etapa de 8 para 9 anos. Enquanto que, em 2007, instituiu em decreto os 8 anos como idade limite para que todos estejam alfabetizados.

A referida meta foi delineada no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic), em 2012, e alinhada com o prazo de uma década para obter o objetivo no Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado em 2014. O Pnaic foi elaborado a partir do Mais Pnaic implantado no Ceará em 2007.

Conforme Soares (2004, p. 97):

Embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Nesta perspectiva, é necessário reconhecer que a alfabetização, concebida como a obtenção do sistema convencional de escrita, diferencia-se de letramento, compreendido como o desenvolvimento de procedimentos e habilidades de uso apto da leitura e da escrita em práticas sociais. Tais termos diferenciam-se, tanto em relação aos elementos de conhecimento, quanto em afinidade aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem. Isso esclarece o motivo pelo qual é oportuno a diferenciação entre esses dois processos.

Dessa forma, a alfabetização é um ciclo contínuo que dá início no ambiente familiar e na Educação Infantil e se dá conforme o desenvolvimento de cada criança. Por isso, é preciso oferecer instrumentos diversificados e respeitar os ritmos opostos. Uma decisão com base em amadurecimento viável é ter de marcar o início desse ciclo.

O dicionário da Língua Portuguesa, conceitua a palavra “alfabetização”, como:

Alfabetização s.f. ato ou efeito de alfabetizar, de ensinar as primeiras letras 1 iniciação no uso do sistema ortográfico 1.1 processo de aquisição dos códigos alfabético e numérico; letramento 2 ato de propagar o ensino ou difusão das primeiras letras (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 150).

Soares (2009), também contribui com a temática alfabetização, afirmando que é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto. Alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever. Freire (1983) explana que a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita e da expressão oral.

No Brasil, a alfabetização e letramento combinam entre si, não podemos separar esses conceitos, pois eles se aperfeiçoam. Alfabetizado é quem sabe ler e escrever, e letrado é quem sabe ler e escrever e faz uso social desse conhecimento cotidianamente.

Soares (1998) explana sobre as categorias alfabetizar e letramento:

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES, 1998, p.17).

Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o atlas), nas ruas (os sinais de trânsito) para receber instruções (para encontrar um tesouro... para consertar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido (SOARES, 1998, p. 43).

Nesta perspectiva, o conhecimento das letras é um meio de alcançar o letramento. Deve-se alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a criança a ler e a escrever nas conjunturas sociais de leitura e de escrita.

Nesse sentido, Soares (1998) distingue alfabetizar e letrar:

[...] alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, do modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998, p.47).

Segundo Ferreira (2006), estar alfabetizado “é poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita”. Desse modo, saber ler e escrever não garante que o indivíduo poderá ler e produzir textos, muitas vezes os alunos concluem o ensino escolar com o domínio da escrita, no entanto, são impossibilitados de ler e escrever em distintas situações do cotidiano.

Os métodos de alfabetização

A historicidade da alfabetização no Brasil encontra-se no apontamento sobre os índices elevados de analfabetismo, na falha escolar nos primeiros anos de escolarização, além de focar na avaliação da metodologia de ensino da leitura e da escrita. Sobre esse assunto, conforme Mortatti (2000), o transcurso da história da alfabetização é marcado por disputas entre os métodos tradicionais e os modernos, enfatizados pelas orientações metodológicas para o ensino da leitura e da escrita no combate ao analfabetismo.

De acordo com Carvalho (2007), no método de soletração, ainda designado alfabético ou ABC, o ensino transcorre do acordo entre letras e sons, fundamentado na assimilação entre provocações visuais e auditivas, voltadas para a memorização das sílabas e para formação de palavras isoladas.

E ainda em relação a essa situação, vale mencionar, que o método de silabação, até hoje aplicado, é desenvolvido por meio de processo análogo ao método da soletração, com destaque demorado na construção de codificação e decodificação, recorrendo à memorização e às famílias silábicas formando palavras e frases. O que as difere é que no método de soletração não surgem frases, apenas palavras soltas.

III. DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Este capítulo aborda estudos sobre as dificuldades no analfabetismo vivenciadas por alunos na leitura e na escrita em contexto escolar, fundamentados em pesquisas realizadas em revistas especializadas na temática, Teses, Dissertação de Mestrado, legislações, que expõem as dificuldades de aprendizagem no contexto escolar, bem como sobre aprender alfabetização e letramento, e uma abordagem teórica sobre os enigmas da aprendizagem.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Sánchez (1998) menciona que as dificuldades de aprendizagem tinham menção a três crenças que são consideradas como reais pelo referido autor. São elas: a crença de que a causa da dificuldade de aprendizagem está no indivíduo; a crença de que as pessoas que a sofrem são inferiores em algo, como a capacidade na aprendizagem escolar; e a crença de que necessitam de ajuda em aulas especiais para resolver suas dificuldades.

No entanto, hoje em dia, a dificuldade de aprendizagem é percebida como um grupo heterogêneo de transtornos que comprometem crianças, adolescentes e adultos, e que se revelam por meio de retrocessos ou dificuldades na leitura, escrita, em pessoas com inteligência potencialmente normal ou superior, sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou, ainda, com desvantagens no meio social ou cultural.

Assim, a dificuldade não afeta todas as áreas de uma só vez, podendo também estar relacionada a problemas emocionais, de coordenação, memória, atenção, comunicação e adaptação social, sendo talvez causada pela falta de motivação ou baixa autoestima decorrentes do fracasso escolar.

A respeito da influência no desenvolvimento, bem como na aprendizagem da criança, Vygotski (1896–1934) revela que não se pode negar a relação entre desenvolvimento humano e ambiente, pois a criança e o ambiente influenciam-se reciprocamente.

Diante de tal concepção é necessário mencionar estudos de Vygotski. Para o autor, as crianças que se desenvolvem em ambientes antagônicos, que sofrem práticas violentas em família, e com pouco estímulo por familiares, tendem a ter seu desenvolvimento prejudicado, influenciado pelas intervenções negativas do meio ao qual convivem.

De acordo com Sopelsa (2000, p.34) “desde o nascimento até a morte, o homem sofre influências das pessoas, da sociedade, do mundo, e reage a estas influências de acordo com as raízes que lhe foram impressas, ao longo de sua existência, pelas suas vivências e sentimentos”. Isso reflete nas crianças, que possuem tendência a apresentar na escola conduta análoga ao que vivenciam em casa.

Para Ferreira e Marturano (2002, p. 40), as crianças com dificuldade de conduta são as que lidam mais com violência física por parte dos pais, o relacionamento delas com os pais é exposto mais comumente como ausente ou submerso em conflitos. Devido a essas atitudes, elas são suspensas na escola, assim, prejudicando as relações que as crianças têm com as pessoas.

E ao considerar esse estudo, é importante enfatizar que vai ao encontro das dificuldades perceptíveis em escolas localizadas em bairros onde vivem famílias em situação de vulnerabilidade social. Ferreira e Marturano (2002, p. 39) revelam que, “o grupo de crianças com problemas de comportamento tem seu ambiente de desenvolvimento mais prejudicado”. Isso leva a acreditar que crianças que se desenvolvem em um ambiente estável não apresentam tantos problemas, quanto as que vivem em ambientes perturbados que apresentam inquietações no desempenho e baixo rendimento escolar.

Visto que, é na relação com os adultos ou com as outras pessoas que a criança vai desenvolvendo ações que tornam-se intrapsíquicas, Vygotsky (1978) explica que:

Cada função no desenvolvimento cultural de uma criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e mais tarde, no nível individual, primeiro entre pessoas (interpsicológico) e depois dentro da criança (intrapicológico). Isso se aplica igualmente a toda atenção voluntária, à memória, à formação de conceitos. Todas as ações mentais superiores se originam como relações reais entre pessoas (VYGOTSKY, 1978, p. 57).

As concentrações apresentadas por Vygotsky contrapuseram algumas das teorias mais disseminadas sobre a relação entre desenvolvimento e aprendizagem na criança que estavam em eficácia e lançadas sobre todos os campos de estudo de sua época, sobretudo nas áreas da Psicologia e na Educação. De acordo com o referido autor haviam três visões teóricas distintas, divididas em três categorias fundamentais e qualificadas.

A primeira visão teórica delineada pelo autor “parte do pressuposto da independência do processo de desenvolvimento e do processo de aprendizagem”. (VYGOTSKY, 2010, p.103).

Já a segunda categoria de recursos propostos para os problemas que envolvem aprendizagem e desenvolvimento revela que aprendizagem é desenvolvimento, ou seja, existe um entrelaçamento desses dois aspectos. Essa teoria foi inicialmente publicada por W. James e nela permite, tanto a existência do desenvolvimento, quanto da aprendizagem, e se forma uma relação de vinculação entre eles, isto é, um estaria condicionado ao outro. Esse axioma está em aversão ao primeiro, pois, naquele existiria um afastamento essencial entre os dois prenunciadores: desenvolvimento e aprendizagem.

Já o terceiro grupo de teorias objetivou conectar as duas anteriores, na mesma medida em que desejou estar acima delas. Nesta abordagem, o processo de aprendizagem está registrado como isolado do desenvolvimento, enquanto concorde com ele. Foram colocados aspectos originais, como o experimento de combinação dos pontos de vista anteriores e o atendimento da questão da interdependência entre desenvolvimento e aprendizagem, destacando ainda o papel da aprendizagem no desenvolvimento da criança (VYGOTSKY, 2011). Assim, percebemos que há uma busca por unicidade, já que as teorias prévias abriam espaço para muitos questionamentos.

APRENDER ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

É fundamental alfabetizar letrando, pois algumas vezes os alunos aprendem a ler e escrever, mas são incapazes de produzir, interpretar e compreender textos. Isso interfere significativamente no ensino de qualidade, tão almejado pela escola e pela sociedade.

Ferreiro (1993, p. 34) afirma que: “para alfabetizar é preciso ter acesso a língua escrita (tanto quanto para aprender a falar é necessário ter acesso a língua oral)”. Sobre isso, Ferreiro (1993, p. 24) acrescenta que: “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas, as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”.

E ainda em relação a essa situação, vale mencionar que a alfabetização é iniciada a partir do ambiente social cheio de informações, permanente no período escolar e segue por toda a vida do cidadão, uma vez que estamos em constante aprendizado. Nesse sentido, Ferreiro (1993, p.47) revela que: “[...] a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria das vezes anterior à escola, e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Diante de tal concepção, é necessário lembrar que o letramento é cultura; logo, a maior parte das crianças vai para a escola com esse conhecimento prévio. Tal fato ocorre por meio da leitura de histórias

realizadas a ela por alguma pessoa alfabetizada, pelo manuseio de livros, revistas, rótulos e todo o elemento que uma sociedade letrada pode proporcionar à criança. Compete à escola nortear a criança para que ela aprenda a ler e a escrever, incentivando-a a fazer de maneira real essas práticas no seu cotidiano.

No âmbito social, o alfabetismo é considerado como uma prática social, isto é, o alfabetismo é o que as pessoas praticam com as habilidades de leitura e de escrita, conhecimento das necessidades dessas habilidades para a construção de valores em práticas sociais.

Esses aspectos se relacionam ao alfabetismo que não se restringe ao monopólio individual de habilidades e conhecimentos; sugere ao mesmo tempo, em um conjunto de práticas sociais relacionadas com a leitura e a escrita, desempenhadas pelas pessoas em um contexto social específico (SOARES, 2004, p.33).

Ao considerar os referidos aspectos é importante ressaltar que há os alfabetizados iletrados, são aqueles que sabem ler e escrever, mas não sabem fazer uso das técnicas sociais de leitura e de escrita. E há também os analfabetos letrados, que mesmo sem a obtenção da leitura e da escrita, compreendem o que pessoas alfabetizadas leem, sabem opinar e criticar se necessário, e conseguem compreender o mundo, o que corrobora os estudos de Freire (2001) ao autor afirmar que: “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”.

Ainda sobre esse propósito, alfabetizar letrando é algo necessário, pois além de obter o conhecimento as crianças devem praticar a leitura e a escrita. Acerca disso, Soares (2006) explana que, apesar de a alfabetização e o letramento serem duas ações diferentes, não podem ser separados, pois os indivíduos precisam se tornar, concomitantemente alfabetizados e letrados. Paralelamente a essa situação, não basta saber ler e escrever, é indispensável entender suas intenções e utilizá-las socialmente, interpretá-las de modo que se possa posicionar-se criticamente diante dela.

Em face disso, entende-se o quanto é fundamental uma metodologia de alfabetização expressiva. No entanto, isso não é trabalho simples, uma vez que para conseguir sucesso no método de alfabetização é imprescindível muito estudo e dedicação do docente, metodologia apropriada à turma, e considerar a personalidade de cada estudante.

ENIGMAS DA APRENDIZAGEM

A temática pertinente aos enigmas da aprendizagem aponta a literatura como prováveis categóricos do problema, bem como a diferença entre o termo dificuldade e distúrbio.

Neste contexto, as dificuldades de aprendizagem compreendem diversos fatores que abrangem a complexidade do ser humano. Acredita-se que pode ser decorrente de algum problema fisiológico, um estresse vivenciado pela criança, como, por exemplo, problemas familiares envolvendo a perda de algum parente, com alcoolismo ou drogas, separação dos pais, doenças, falta de alimentação adequada, falta de material escolar adequado e estímulos, aborrecimento na sala de aula, autoestima baixa, problemas patológicos como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexias, psicopatias, inquietações no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios químicos, hereditariedade, problemas no ambiente doméstico ou escolar.

O psicólogo Samuel Kirk (*apud* Sánchez, 1998) apresentou uma sugestão inovadora relatando o fato de algumas crianças que não tinham dificuldades auditivas e visuais, muito menos atraso mental, apresentavam uma dificuldade inexplicável de aprendizagem da leitura.

A historicidade da área das dificuldades de aprendizagem, conforme Sánchez (1998) divide-se em três etapas. A primeira, nomeada Etapa de Fundação, contém todo o período antecedente a fundação oficial do campo das dificuldades de aprendizagem.

Nesse período, compreendido entre a décadas de 1800 a 1960, o oftalmologista Samuel Orton enfatizou, em 1917, corroborar com um caso de dificuldades na leitura ao analisar e estudar 125 casos clínicos em que verificou que pessoas praticavam a troca de letras do tipo p/q, d/b, apesar desse transtorno aparecer em um contexto em que a inteligência era normal. O que despertou a atenção de Orton foi a inconseqüência entre o coeficiente de inteligência (CI) e os planos de leitura ou dificuldades de leitura apesar do apropriado nível de inteligência.

Diante de tal concepção, é necessário lembrar que a influência de Orton fez com que, no ano de 1949, fosse fundada a Sociedade Orton de Dislexia, estabelecendo a primeira organização nesse campo, cuja maior contribuição foi com problemas na leitura. A proposta de indicar termos mais específicos como dislexia, discalculia, disfunção cerebral mínima, propiciou um avanço ao reconhecer a complexidade de um fenômeno que compreende problemas distintos ainda que não sejam coincidentes numa mesma pessoa.

A segunda etapa apontada de Primeiros Anos iniciou em 1963 e foi até 1990. Esse período ficou caracterizado pela histórica reunião de pais em Chicago e pela aquisição da identidade desse campo de estudo frente a outros campos da educação especial, em que se abandonam os modelos médicos e neurológicos e se introduz modelos educativos e institucionais. Já em meados da década de 1960, as dificuldades de aprendizagem formaram um fenômeno social que culminou na classificação de um transtorno e um campo profissional com apoio legislativo.

A última etapa, a Etapa Projeção, iniciou a partir da década de 1990 e indica a evolução dos estudos nessa área, proposto com a participação e inclusão de vários pesquisadores procedentes de outros campos e de vários países. Nesse período, o tema dificuldade de aprendizagem torna-se uma nova disciplina que abrange pais, profissionais e pesquisadores tanto do campo educacional como clínico.

IV. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o cumprimento da finalidade de pesquisa, apresentando, de forma detalhada, a metodologia explorada para a realização do presente estudo. Sendo esse método usado para o enfoque dessa temática, foi utilizado como lócus a Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental em Caucaia, localizada na região metropolitana de Fortaleza, CE.

NATUREZA DA PESQUISA

Este trabalho consiste em uma pesquisa do tipo qualitativa na área de educação, na qual foi adotada uma estratégia de coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando um questionário com perguntas, feita com amostra de três professoras, bem como levantamentos bibliográficos, livros, dissertações, teses, o consenso para a estruturação conceitual e referencial teórico do estudo em verificação.

Visto que o fenômeno da perspectiva do letramento na alfabetização é característico da formação histórico-cultural a que todos pertencemos, o letramento e a alfabetização se desenvolveram inerentes ao formato que se organiza uma instituição educacional com certa vivência.

Segundo Guerra (2014) a pesquisa qualitativa, que segue um paradigma alternativo, se fundamenta no entendimento dos acontecimentos que estuda, ou seja, como os indivíduos, grupos ou organizações atuam em seus ambientes ou contextos sociais; e não há preocupação com a representação dos números, questões estatísticas e relações lineares de causa e efeito.

A abordagem da investigação será de cunho qualitativo em educação e integrará a metodologia um estudo de caso por meio de entrevistas. Logo, a pesquisa qualitativa é aquela capaz de unificar a questão do significado e da intencionalidade como eficazes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto na sua manifestação quanto nas suas mudanças, como construções humanas significativas (BARDIN, 2004).

No que se refere às etapas do estudo, este contemplou de início um levantamento bibliográfico, a fim de buscar fundamentação teórica de importante relevância na área em estudo; e, por fim, procedeu-se à análise, discussão e conclusão das informações coletadas.

Como ponto de partida, buscou-se aprofundar na bibliografia existente sobre o assunto. Esta pesquisa foi apoiada em informações obtidas em produções acadêmicas publicadas sob a forma de livros, revistas, artigos, publicações especializadas, de dados oficiais publicados na *internet*, abordando direta ou indiretamente a temática em estudo.

TÉCNICAS

A técnica de coleta de dados foi realizada a partir de estudo realizado entre os meses de dezembro de 2019 e janeiro do ano de 2020 sobre o tema em questão, utilizando-se de pesquisas já mencionadas.

Neste contexto, com o objetivo de analisar a pesquisa de campo e identificar suas principais contribuições sociais e científicas, foram pesquisados os estudos julgados como relevantes para essa investigação e que se constituíram como referência para o início do desenvolvimento de um novo estudo.

Desse modo, as investigações foram realizadas no sentido de identificar duas categorias: alfabetização e letramento, em formação estudantil acompanhado pelo docente.

Assim, o processo de busca foi realizado por meio de pesquisas em plataformas contendo revistas especializadas eletrônicas, Teses, Dissertação de Mestrado, tais como a Scielo e o Google Books, abordando os termos letramento e alfabetização.

Logo, dentre as várias pesquisas examinadas, são destacados aqui os trabalhos desenvolvidos por Cagliari, (1998), Soares, (1998; 2006) e Vygotski (1896 – 1934), dentre outros.

Por esta razão, o presente estudo se configurou como uma contribuição educacional, social e científica relevante, pois, a partir de seus resultados, indicadores de mudanças na práticas docentes vivenciadas no âmbito da alfabetização e do letramento podem ser identificados.

OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como já mencionado anteriormente, os participantes da nossa pesquisa são educadores inseridos no campo do letramento e da alfabetização, atores educacionais investigados que estão organizados na escola já citada.

Neste trabalho, os relatos dos participantes da pesquisa estão identificados por meio de siglas, a fim de proteger as identidades dos entrevistados. Os participantes da pesquisa foram identificados pelas abreviações, “D”, acrescidos de um número para cada docente: “D1, D2 e D3”, seguindo esse padrão.

Iniciamos apresentando o perfil da D1, que possui Licenciatura em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia e atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental há 12 anos. Enquanto a D2 possui Licenciatura em Pedagogia e leciona nos anos iniciais do Ensino Fundamental há 8 anos. Já a D3 possui Licenciatura em Pedagogia e Pós-Graduação em Gestão Escolar, bem como atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental há 18 anos.

Logo, tendo sido realizada breve caracterização dos participantes da pesquisa, a seguir serão detalhados os procedimentos de coleta dos dados.

INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados foram os mais adequados ao tipo de pesquisa adotada. Foram utilizadas pesquisas com o intuito de atender aos objetivos. Abordando questionamentos basilares com embasamentos em teorias que se relacionam ao tema da pesquisa, nas quais os questionamentos nos revelaram frutos a novas hipóteses emergidas a partir das respostas das entrevistadas.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Como ponto de partida, buscou-se aprofundar na bibliografia preexistente sobre o tema. Esta pesquisa apoiou-se em informações obtidas em trabalhos publicados sob a forma de livros, revistas, artigos, publicações especializadas, imprensa escrita e dados oficiais publicados na *internet*, que abordem direta ou indiretamente o tema em estudo.

Após devida autorização, foram contratadas pessoas vinculadas à escola em estudo. Essa conversa se deu com o intuito de verificar a pertinência de um trabalho acadêmico para eles e confirmar a participação voluntária dos sujeitos de pesquisa.

Os dados analisados nesta pesquisa foram recolhidos em duas etapas. A primeira etapa foi organizada em dois momentos: no primeiro momento, realizou-se uma pesquisa teórica. Na segunda etapa, buscou-se investigar uma escola.

Este estudo foi arquitetado mediante as pesquisas bibliográfica, documental e empírica. Portanto, neste item são caracterizadas as técnicas e instrumentos utilizados na coleta de dados empíricos deste estudo.

Após a coleta dos dados, os mesmos foram agrupados, interpretados e analisados a fim de chegar a uma conclusão concreta dos itens em análise.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa, com ênfase na análise de conteúdos adquiridos por meio da pesquisa de revisão de literatura obtida durante a investigação. As categorias que utilizamos para análise foram: alfabetização e letramento.

Segundo Guerra (2014) a pesquisa qualitativa, que segue um paradigma alternativo, se fundamenta no entendimento dos acontecimentos que estuda e não há preocupação com a representação dos números, questões estatísticas e relações lineares de causa e efeito. De posse dos dados, foram aplicadas as categorias constituídas durante a leitura da bibliografia específica com vistas a construir este estudo.

PROCEDIMENTOS DE INTERVENÇÃO E COLETA DE DADOS

Observa-se que o objeto desta investigação apresenta um contexto histórico, trazendo uma rica fonte de conhecimentos para análise. A qualidade que se coloca para a análise dos dados enunciados pelas informações obtidas é que os intérpretes, no caso, os professores-pesquisadores, se coloquem à disposição para entender o que o texto se nomeia a transmitir, sem perder a originalidade própria; entretanto, formando uma afinidade dialógica com o teor do texto, em que a linguagem quer transmitir.

No próximo capítulo, são expostos os resultados observados na análise dos dados obtidos com a atenção dessas categorias.

V. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo está organizado do seguinte modo: estudo analítico com vistas a demonstrar a pretensão de contribuir com partes dessa temática na área de conhecimento escolhida, com foco nas análises de discussões dos resultados obtidos pertinentes ao letramento e à alfabetização, influenciando a aprendizagem do aluno. E, em seguida, realizou-se a análise dos dados.

ANÁLISES DE ALFABETIZAÇÃO

Ensinar o educando a ler e a escrever no conjunto das práticas sociais da leitura e da escrita é trabalho desafiador, considerado complexo, uma vez que, a linguagem é compreendida como um fenômeno social,

estruturada de forma ativa e coletiva do ponto de vista cultural e social. Desse modo, a palavra letramento deve ser empregada no método de inclusão numa cultura letrada.

Conforme relatos das entrevistadas do estudo: a professora denominada D1 ao ser questionada sobre o que seria alfabetização afirma que:

Considero uma criança totalmente alfabetizada quando ela escreve, lê e compreende as duas categorias. Além disso, é um processo em que devemos orientar a criança em suas necessidades, desde a sua forma de ver o mundo, até o aprender a ouvir e a falar. Assim respeitando o que ele aprendeu na sua casa com seus pais e familiares (D1, Sic, 2020).

A professora entrevistada tem um vasto entendimento de alfabetização, analisado de suma importância, pois o docente precisa entender esse processo como complexo e rico em diversos fatores que influenciam no desenvolvimento do aluno, ao mesmo tempo, o processo de alfabetização não deve ser restrito somente a obtenção da leitura e da escrita, mas a compreensão da importância desse processo no seu dia-a-dia.

Além disso, a D1 (2020) afirmou que, diariamente, usa o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), o qual consiste basicamente em um esforço conjunto do Estado e dos municípios no sentido de promover a alfabetização de todas as crianças na idade certa, evitando a alfabetização tardia.

Garcia (1998) revela que é necessário fazer a relação entre o saber acadêmico e o saber popular. Antes de tudo, o professor precisa ser investigador, para que possa fazer a relação entre o saber científico que é passado para os alunos e o que os mesmos já trazem como saberes cotidianos, a partir de vivências, relações sociais e familiares, esses que já vêm de casa.

Baseado nesse contexto, a D2 (2020) revela que: “criança alfabetizada é aquela que consegue interpretar um texto, uma figura, ele consegue compreender o que se vê, isso é possível com vivências, relações sociais, bem como familiares”.

Segundo Perez (2002, p. 66), a alfabetização é um processo que:

Ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola.

Deste modo, a partir do conceito apresentado pelo autor, é possível constatar que a alfabetização é um processo que ocorre antes, durante e depois do período escolar, isto é, a alfabetização incide dentro e fora do espaço escolar. A alfabetização é a ação de fazer com que a pessoa se adéque a desenvolvimentos que induzem à leitura e à escrita.

Além disso, a D2 (2020) afirmou que utiliza o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), para viabilizar a alfabetização de seus alunos.

Segundo Soares (2006, p. 15): "Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler)".

A D3 (2020) ao ser entrevistada, sobre o que seria alfabetização, explicou que:

Uma criança que sabe ler e escrever domina o código alfabético, que sabe transformar uma palavra oral em escrita, tem consciência fonológica, que seja capaz de redigir pequenas frases de forma legível, inteligível e com sentido (D3, sic, 2020).

Garcia (1998) diz que é preciso compreender que para formar cidadãos atuantes e interacionistas é indispensável conhecer o valor da informação sobre letramento. Letrar significa colocar a criança no mundo letrado, abordando os diversos usos da escrita na sociedade.

Tal inclusão inicia quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social. O letramento é cultural, por isso muitas crianças já vão para a escola com o conhecimento alcançado de maneira informal absorvido no cotidiano.

A professora D1 (2020) foi indagada sobre sua prática pedagógica como alfabetizadora, sobre a qual afirmou que:

Eu fui aprendendo na prática, os alunos me ensinaram a ser professora a buscar atividades e formas de ensinar, até porque para alfabetizar a cada turma a gente tem novos desafios. Somos surpreendidos a cada ano quando vemos nossos alunos aprendendo. Uso como prática a experiência dos alunos que acompanham a aula, às vezes, procuro saber por que as atividades de alguns alunos voltavam em branco e eles me dizem que os pais são analfabetos, a gente vê na prática como nosso país é injusto com os mais pobres e excluídos da nossa sociedade. O bom seria se houvesse reforço no contraturno para esses alunos (D1, sic, 2020).

A respeito dos pais analfabetos dos alunos relatados pela professora D1, poderia ser aplicado, dentro das possibilidades da família e da instituição de ensino, o método Paulo Freire de Alfabetização de Jovens e Adultos em contraturno escolar, reconhecido internacionalmente por especialistas da área da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que o autor em apenas 30 encontros de apenas uma hora cada, durante cinco dias por semana, conseguiu, entre as décadas de 1970 e de 1980, tornar estudantes dessa modalidade de ensino

capazes de ler textos curtos de jornais e revistas, bem como escrever cartas, sendo considerados assim alfabetizados, adaptando as atividades para o cotidiano desses alunos adultos que na sua maioria eram agricultores e trabalhadores de baixa remuneração (MATOS; GUERRA; COSTA, 2023). Desse modo, munidos dos processos de alfabetização e, principalmente, de letramento, os pais dos alunos dessa professora poderiam ser capazes de auxiliá-los nos seus estudos.

A partir do posicionamento da professora, analisamos que a educadora corrobora com o pensamento da classe de professores, em relação a lutas por melhores condições de trabalho, criando recursos que o sistema público precário não disponibiliza aos docentes, que ainda possuem muitas outras demandas profissionais.

Garcia (1998) destaca os numerosos professores que renunciam à sua profissão, ou que não conseguem sobreviver com os salários desprezíveis que lhes são oferecidos. Por vezes, esses docentes prestam concursos para outras áreas, assim, submetendo-se a empregos que não exigem nenhuma qualificação. Apesar de impactante o afirmado pela autora, ainda assim isso possui afinidade com o que a professora entrevistada relatou.

Enquanto isso, a D2 (2020) revelou: “costumo trabalhar o conhecimento da escrita e leitura através de jogos de palavras, através da música, valorizando o que a criança traz de casa, juntando com a metodologia da escola”.

Segundo Soares (2006 p. 20): "o letramento é muito mais amplo do que a alfabetização [...] condição de interação com diferentes gêneros e tipos de leitura e escrita, com diferentes funções envolvendo tais práticas".

A D1 foi questionada sobre as dificuldades e instrumentos para alfabetizar. Quanto a esse questionamento, a entrevistada afirmou que:

O lúdico contribui para uma aprendizagem dinâmica, participativa e significativa, não somente como passatempo. Eu sempre busco a realidade da criança e delinheio um planejamento para o aluno com brincadeira, com isso consigo obter que o aluno seja alfabetizado (D1, sic, 2020).

Desse modo, é possível analisar que a professora adota o método da teoria construtiva, enfatizando a realidade da criança e busca pedagogicamente auxiliar seus alunos como mediadora desse processo, considera uma prática pedagógica importante para o desenvolvimento de uma boa aprendizagem.

Friedmann (2012, p. 45) afirma que:

A aprendizagem depende em grande parte da motivação: as necessidades e os interesses das crianças são mais importantes que qualquer outra razão para que elas se dediquem a uma atividade. Ser esperta, independente, curiosa, ter iniciativa e confiança em sua capacidade de construir uma ideia própria sobre as coisas, assim como expressar seu pensamento e sentimentos com convicção são características inerentes a personalidade integral da criança.

Assim sendo, compreende-se, por meio dos estudos realizados, que o lúdico é fundamental para o desenvolvimento e a aprendizagem infantil e que não devem ser empregadas apenas como entretenimento ou diversão, mas no sentido de promover o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, fazendo parte do planejamento de aula da professora e como instrumento da interferência no planejamento. Dessa forma, a professora por meio da brincadeira levou conhecimento e provocou maior interesse pelo conteúdo aos alunos.

Friedmann (2012), afirma que é preciso aplicar ideias, teorias e comandos que oportunizem ao educador atividades lúdicas para as crianças. A autora defende que é cabível ao professor realizar o resgate da prática do brincar no ambiente escolar:

[...] reforçar, hoje, mais do que nunca ideias, teorias e caminhos que possibilitem ao educador propiciar de forma consciente e consistente, oportunidades lúdicas para as crianças. Também tendo em vista ressaltar a importância de deixar as crianças brincarem de forma espontânea e compreender melhor o que elas nos dizem com o seu brincar (FRIEDMANN, 2012, p. 13).

Para a autora, sendo a criança um ser integral, compete ao educador adequá-las em um desenvolvimento integral e dinâmico e o brincar permite essa ação, apresentando uma opção significativa e ressaltante, tido como um recurso de ação direcionado ao aos processos de ensino e de aprendizagem.

A esse respeito, Piaget (1998, p. 13) afirma que:

O brincar implica uma dimensão evolutiva com as crianças de diferentes idades, apresentando características específicas, e formas diferenciadas de brincar. Na Educação Infantil deve-se facilitar a aprendizagem utilizando-se de atividades lúdicas que criem um ambiente agradável para favorecer o processo de aquisição de autonomia de aprendizagem. Para tanto, o saber escolar deve ser valorizado socialmente e a aprendizagem e a interação devem ser processos dinâmicos e criativos através de jogos, brinquedos e brincadeiras.

Para Vygotsky (1989), é na interação entre as pessoas que em primeiro lugar se constrói o conhecimento que depois será intrapessoal que será partilhado pelo grupo junto ao qual tal conhecimento foi

conquistado ou construído. Acrescenta o autor que a atividade mediada ajudará a orientar o comportamento humano nos processos de internalização combinados ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A professora D2 ao ser indagada sobre as dificuldades e instrumentos para alfabetizar, afirmou que:

As dificuldades encontradas muitas vezes se dão pela falta de acompanhamento dos pais em casa, a turma grande, no caso 30 alunos para ser alfabetizado, e a própria dificuldade do aluno em aprender, pois cada um aprende no seu tempo, não existe uma receita a ser seguida, e também, falta de investimentos nos pedagogos, pois, seriam interessantes, cursos de formação para alfabetizar, pois a faculdade em si, não nos ensina a sermos bons alfabetizadores, é necessário tempo de estudo para aperfeiçoamento enquanto alfabetizadores (D2, sic, 2020).

A D3, também questionada sobre as dificuldades e instrumentos para alfabetizar, mencionou:

A falta de envolvimento e comprometimento da família, as dificuldades individuais de cada educando quando existe um possível diagnóstico de dificuldade de aprendizagem, dislexia, disgrafia... a falta de aceitação da família em procurar um profissional para trabalhar essa questão. As providências são sempre manter o diálogo, trabalhar as dificuldades dos educandos para assim ter êxito nesse processo (D3, 2020).

Acrescentou a D3 (2020) que usa o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) com o objetivo de promover melhoria da qualidade do ensino, da leitura e da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no sentido de proporcionar a alfabetização adequada a seus alunos.

Para alcançar os objetivos do processo educativo é preciso compreender que as ações realizadas para certos fins são práticas que buscam alcançar os objetivos da alfabetização, ou seja, desenvolver as habilidades de leitura e de escrita. Dessa maneira, a sugestão da professora D3 é que haja uma formação para os profissionais de educação de forma a conduzir o trabalho docente, que para ela trata-se da ponte entre o conteúdo e o aluno.

ANÁLISE DE LETRAMENTO

O letramento deve ser analisado como um conjunto de práticas sociais ligadas ao uso da escrita. Do mesmo modo, denota entender que esse fenômeno possui uma história rica e multifacetada, não unidimensional e cheia de incoerências. Dentre tais aspectos, as analogias entre escolarização e letramento fazem jus a ênfase.

Isso porque, a conexão entre escolarização, a obtenção e o comando da tecnologia da escrita e do letramento parece clara para o senso comum, já que se compreende que é na escola que se ensina e se aprende a ler e a escrever. No entanto, crescentes evidências têm apontado que letramento e escolarização representam dois fenômenos distintos, em que as relações se ocultam sob considerável imprecisão, complexidade e obscuridade (SOARES, 2003).

Sobre letramento, Soares (2009, p. 17) afirma que:

Letramento envolve leitura. Ler é um conjunto de habilidades, de comportamentos e conhecimentos. Escrever, também é um conjunto de habilidades e de comportamentos, de conhecimentos que compõem o processo de produção do conhecimento. Nessa perspectiva, há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas, do indivíduo, do seu meio, do contexto social e cultural. [...] A palavra letramento talvez também tenha surgido em virtude de não utilizarmos a palavra alfabetismo, enquanto seu contrário, analfabetismo, nos é familiar.

Nesse sentido, estar em condição transitória de composição, o processo de letramento conglomera, pois, desde a assimilação mínima da escrita, no caso de um analfabeto que é letrado na medida em que identifica o ônibus que deve tomar, distingue mercadorias pelas marcas, identifica o valor do dinheiro, dentre outros, mas não escreve e nem lê com frequência, como no caso do indivíduo que escreve uma dissertação de mestrado, lê jornais periodicamente.

Freire (2005, p. 21) define alfabetização, dessa forma, “Alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos, o projeto histórico de mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra”.

Ponderadas as práticas escolares de letramento e os eventos e práticas sociais de letramento, não se pode esperar que o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes de leitura e de escrita no procedimento de escolarização capacitasse os indivíduos à participação efetiva e adequada nos eventos e práticas sociais de letramento; assim, os documentos destacam que quanto maior o processo de escolarização, quanto mais os indivíduos participam de eventos e práticas escolares de letramento, mais bem-sucedidos tornar-se-ão nos acontecimentos e práticas sociais que abrangem a leitura e a escrita.

Tendo consciência dessa complexidade, Soares (2005, p. 33) afirma que:

[...] o alfabetismo não se limita pura e simplesmente à posse individual de habilidades e conhecimentos; implica também, e talvez principalmente, em um conjunto de práticas sociais associadas com a leitura e a escrita, efetivamente exercidas pelas pessoas em um contexto social específico.

Lima (2014) compreende e valoriza o saber que o aluno tem da sua cultura, corroborando com o pensamento de Freire (2002, p. 90):

Não posso de maneira alguma, nas minhas relações político pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra” (LIMA, 2014, p. 24).

Embora a criança não seja alfabetizada, poderá estar num processo de letramento. Isso é possível, pois a relação com o mundo letrado incide muito antes das letras e vai além disso, uma vez que a mesma já faz a leitura de rótulos, imagens, gestos e emoções.

Desse modo, compreende-se que as práticas de alfabetização devem ser conduzidas aos processos de ensino e de aprendizagem. Por essa razão, é necessário ter prudência, pois dependendo da maneira que for conduzido o docente pode acabar realizando o oposto ao que se espera de um ensino expressivo, que torna a criança crítica e reflexiva, e tornar-se um ensino mecânico, no qual o indivíduo apenas reproduz o que lhe foi exposto.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi abordada a perspectiva do letramento na alfabetização com o objetivo de repensar sobre os métodos tradicionais de alfabetização, e discutir as novas abordagens teóricas para a construção da leitura e da escrita, bem como constatou-se a importância da conscientização por parte dos educadores quanto à necessidade de se repensar a prática pedagógica direcionada às crianças em fase de alfabetização.

Nesse contexto, tal prática deve ser exercida desde a realidade que envolve a formação do professor, a cultura social e o avanço no olhar da leitura social. Trata-se de um assunto complexo, atual e que deverá permanecer como um instigante campo de pesquisa para os próximos estudos.

Foram cumpridos todos os objetivos propostos ao percorrer da construção da pesquisa, que se iniciou com estudos teóricos, chegando até a análise a partir dos relatos apresentados em cada uma das falas das docentes participantes da pesquisa e em trabalhos já publicados.

A partir deste estudo, foram observados aspectos importantes no intuito de mencionar atendimentos finais sobre a temática em questão. Para isso, tomaram-se como referências as temáticas que emergiram dos depoimentos dos professores participantes da pesquisa.

A pesquisa revelou que o letramento é um desafio das escolas, sobretudo do educador nos processos de ensino e de aprendizagem perante a perspectiva da alfabetização. Isso remete ao educador desenvolver a capacidade de utilizá-las de forma crítica, práticas pedagógicas com as quais aluno e professor aprendem, respectivamente, de forma interacional e inovadora.

Constatou-se também que parte dos professores desconhece como tratar o assunto. Enquanto isso, visualizou-se que apesar das dificuldades e dos desafios enfrentados, os professores investigados não se acomodam e buscam da sua maneira acompanhar as demandas da alfabetização.

Desse modo, a pesquisa permitiu observar e refletir sobre a prática da alfabetização na escola. Percebe-se por meio dos dados com as entrevistadas realizadas que as docentes buscam subsídios mais apropriados para desenvolver a prática da leitura em sala de aula. Com as metodologias utilizadas por elas, o aluno é provocado a interpretar, a criticar e a elaborar opiniões sobre o que lê, sobretudo na vida social.

Visto que, ao trabalhar com um modo de alfabetizar que aponta a transformação do educando, deve-se levar em consideração não só a questão cognitiva de uma criança, é importante pensar, além disso, sobre os aspectos afetivos individuais, pois o aluno é um indivíduo complexo, de múltiplas dimensões.

Corroborando com os argumentos supracitados, foi possível verificar a forma com a qual as professoras entrevistadas tratam seus alunos, a maneira que designam um ambiente adequado à aprendizagem, embora haja a necessidade de uma formação pertinente ao mundo do letramento para os profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

- [1]. Bardin, L. Análise De Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2004.
- [2]. Barton, D. Literacy: An Introduction To The Ecology Of Written Language. Oxford, Uk: Blackwell, 1994.
- [3]. Cagliari, L. C. Alfabetizando Sem O Bá-Bé-Bi-Bó-Bu: Pensamento E Ação No Magistério. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.
- [4]. Carvalho, M. Alfabetizar E Letrar: Um Diálogo Entre A Teoria E A Prática. 4 Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.
- [5]. Ferreira, M. De C. T.; Marturano, E. M. Ambiente Familiar E Os Problemas Do Comportamento Apresentados Por Crianças Com Baixo Desempenho Escolar. Psicologia: Reflexão E Crítica. Porto Alegre, V. 15, N. 1, P. 35-44, 2002.
- [6]. Ferreira, E. Com Todas As Letras. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- [7]. _____. Alfabetização Em Processo. São Paulo: Cortez, 1996.
- [8]. _____. Nova Escola. São Paulo: Out. 2006.

- [9]. Ferreiro, E.; Teberosky, A. *Psicogênese Da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- [10]. Freire, P. *Educação E Mudança*. 12. Ed. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1983.
- [11]. _____. *A Importância Do Ato De Ler: Em Três Artigos Que Se Completam*. 42. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- [12]. _____. *Pedagogia Do Oprimido*. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 2005.
- [13]. Friedmann, A. *Brincar Na Educação Infantil: Observação, Adequação E Inclusão*. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2012.
- [14]. Garcia, R. L. G. (Org.) *A Formação Da Professora Alfabetizadora: Reflexões Sobre A Prática*. São Paulo: Cortez, 1998.
- [15]. Guerra, E. L. De A. *Manual Pesquisa Qualitativa*. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação, 2014.
- [16]. Houaiss, A.; Villar, M. De S. *Dicionário Houaiss Da Língua Portuguesa*. Rio De Janeiro: Objetiva, 2001.
- [17]. Lima, M. E. C. *A Concepção Das Funções Da Escrita E Sua Influência Em Crianças De Escola Pública Em Fase De Alfabetização*. Recife, 1988. 167 P. Dissertação (Mestrado Em Psicologia), Centro De Filosofia E Ciências Humanas, Universidade Federal De Pernambuco.
- [18]. Matos, D. V.; Guerra, A. L. R.; Costa, M. *Conhecimentos Sobre Educação De Jovens E Adultos Adquiridos Em Formação Docente Inicial*. Revista Acadêmica Online, V. 9, N. 45, Mai/Jun. 2023. Disponível Em: <https://Ae6f1b67fc.Clvaw-Cdnwnd.Com/E458c7fb40e3dc8b059a3b94385b9af2/200001305-9ad4a9ad4d/Conhecimentos%20sobre%20educa%C3%87%C3%83o%20de%20jovens%20e%20adultos%20adquiridos%20em%20forma%C3%87%C3%83o%20docente%20inicial.Pdf>. Acesso Em: 18 Jun. 2023.
- [20]. Mortatti, M. Do R. L. *Os Sentidos Da Alfabetização: São Paulo 1876/1994*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- [21]. Perez, C. L. V. *O Prazer De Descobrir E Conhecer*. In: Garcia, R. L. (Org.). *Alfabetização Dos Alunos Das Classes Populares, Ainda Um Desafio*. São Paulo: Cortez, 2002.
- [22]. Sopelsa, O. *Dificuldades De Aprendizagem: Respostas Em Um Atelier Pedagógico*. 2 Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- [23]. Soares, M. *Letramento: Um Tema Em Três Gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- [24]. _____. *Alfabetização E Letramento*. São Paulo: Contexto, 2003.
- [25]. _____. *Letramento: Um Tema Em Três Gêneros*. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.
- [26]. _____. *Letramento: Um Tema Em Três Gêneros*. 3. Ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2009.
- [27]. Piaget, J. *Psicologia E Epistemologia: Por Uma Teoria Do Conhecimento*. Tradução Agnes Cretella. Rio De Janeiro: Forense, 1973.
- [28]. _____. *A Psicologia Da Criança*. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- [29]. Pociidônio De Araújo, M.; Vigón Artos, S. *Características Linguísticas Do México Quanto À Zona Diatópica: Breves Apontamentos*. Revista Owl (Owl Journal), [S. L.], V. 1, N. 1, P. 30–47, 2023. Disponível Em: <https://Www.Revistaowl.Com.Br/Index.Php/Owl/Article/View/7>. Acesso Em: 21 Jun. 2023.
- [30]. Sánchez, J. N. G. *Historia Y Concepto De Las Dificultades De Aprendizaje*. In: Santiuste, V; Béltran, J. A. *Dificultades De Aprendizaje*. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.
- [31]. Vygotsky, L. S. *A Formação Social Da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- [32]. _____. *Aprendizagem E Desenvolvimento Intelectual Na Idade Escolar*. In: Vygotsky, L. S.; Luria, A. R.; Leontiev, A. N. (Org.). *Linguagem, Desenvolvimento E Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1978.